

## A CIDADE, O ESPAÇO E O LUGAR - UM OLHAR TIPOMORFOLÓGICO

CIUDAD, ESPACIO, Y LUGAR - UNA MIRADA TIPO MORFOLÓGICO

THE CITY, THE SPACE, AND THE PLACE, A TYPE-MORPHOLOGICAL PERSPECTIVE

O lugar da teoria, da crítica e da história no projeto

**Solange Souza Araújo**

Doutorado (2006), Professora Associada, nível IV - da Faculdade de Arquitetura, da Ufba.

**Resumo:** Este texto desenvolve uma reflexão sobre a cidade contemporânea – o sentido do espaço e do lugar nos processos atuais de transformação urbana e os papéis então assumidos na constituição da paisagem. Adota como referência os elementos de caráter específicos do sítio, pela análise do lugar – forma e função – e pelas questões vinculadas a aspectos tipo morfológicos. O processo analítico desenvolvido incorpora o pensamento de diversos autores que trabalham as questões de percepção, da morfologia, da tipologia e, por agregação, do tipo morfologia, aqui considerados como instrumentos fundamentais ao processo de leitura e análise do espaço urbano. Assim, grande parte dos argumentos desenvolvidos, dos critérios de análise dos espaços e dos elementos estruturantes da paisagem é aqui apropriada sob o ponto de vista do tipo morfologia, como consideração da ação cultural sobre os elementos físicos do lugar e as suas sucessivas transformações, em território consolidado ou não.

**Palavras-chave:** lugar, espaço-público, paisagem urbana, tipo morfologia.

**Resumen:** Este artículo desarrolla una reflexión sobre la ciudad contemporánea - la sensación de espacio y lugar en los actuales procesos de transformación urbana y luego asumió funciones en la formación del paisaje. Aprueba por referencia a los elementos de carácter específico de sitio, el análisis del lugar - Forma y función - y las cuestiones relacionadas con aspectos de tipo morfológico. El proceso analítico desarrollado incorpora el pensamiento de muchos autores de temas de la percepción, la morfología, la tipología, la morfología y el tipo de agregación, considerado aquí como una herramienta fundamental en el proceso de la lectura y el análisis de los espacios urbanos de trabajo. Por lo tanto, la mayor parte de los argumentos, los criterios para el análisis del espacio y de los elementos estructurales del paisaje aquí es apropiado desde el punto de vista de la morfología de tipo, como la consideración de la acción cultural de los elementos físicos del lugar y sus sucesivas transformaciones en territorio consolidado o no.

**Palabras clave:** lugar, espacio público, paisaje urbano, tipo morfología.

**Abstract:** This work develops a reflection about the contemporary city – the meaning of the space and the location in so far as the current process of city evolution is concerned and their roll in determining the landscape. It's based on the specific characteristics of the studied site, through a analysis of the location – its form and function, and the questions concerning its typomorphological aspects. The developed analytical process is based on theories from a variety of authors that work on issues such as: perception, morphology, typology, and typomorphology. Such issues are then considered to be fundamental tools to be used in the process of observation and analysis of the urban space. Henceforward, a great part of the developed theories, the space analysis criteria, and the landscape structural elements are used in this work strictly under a typomorphological point of view, taking into consideration the cultural influence over the physical elements of the location and their continuous evolution into a consolidated or nonconsolidated territory.

**Keywords:** location, public space, urban landscape, typomorphology.

## A CIDADE, O ESPAÇO E O LUGAR - UM OLHAR TIPOMORFOLÓGICO

Entendendo a cidade contemporânea por constituição fragmentada, em composições que não permitem uma visão global procura-se perceber e apreender os critérios utilizados em recentes intervenções urbanas adotando como referência a análise dos componentes de sua organização espacial desenhada sobre um tecido já consolidado. Para investigar tais ações, selecionou-se entre os tradicionais processos de percepção aqueles que poderão contribuir para uma leitura que considere a multiplicidade dos efeitos produzidos pelos vínculos que se estabelecem entre o lugar da intervenção e as relações de entorno, destacando ao mesmo tempo os elementos de caráter que permitam a vinculação entre a preexistência e os processos de desenvolvimento e transformação do espaço.

O espaço urbano é objeto de múltiplas leituras, consoantes a diversos instrumentos de análise que, em princípio, apontam para os fenômenos implicados na sua produção. Só o cruzamento dessas diferentes leituras e informações pode explicá-lo, considerando-o na sua complexidade. Nesse sentido, busca-se localizar uma trama comum, constituída a partir das diversas disciplinas, em que as referências obtidas possam tanto constituir processos de análise como respaldar metodologias de projeto.

Em permanente processo de transformação, o espaço urbano envolve diversos campos profissionais movidos pela ação proveniente de gestões públicas e/ou privadas. Envolve também a ação da própria população, que, de forma direta ou indireta, deixa sua marca através da construção cotidiana. As respostas que daí emanam refletem a prevalência da correlação de forças travadas entre os mecanismos de poder e os valores culturais do momento.

As estratégias políticas de apropriação de um território expressam ações que podem ser apreendidas por leituras do espaço, que, ainda que fragmentárias, se apresentam por estratificação, ressaltando elementos constitutivos e dominantes, que se tornam variáveis segundo os interesses e a intencionalidade de quem os lê. “A estratificação linguística ou filológica corresponde, neste caso, à estratificação histórica, nas sucessivas intervenções, e à distinta personalidade dos projetistas.” (CERASI, 1977, p.95)

Entendendo o sítio como suporte geográfico que contém a gênese e o potencial gerador de formas pelo apontar de um traçado e pela expressão do lugar, faz-se a relação entre sítio e *lócus*, não pelo sentido físico e geográfico, mas como relação singular que existe entre uma situação local e as construções que estão nesse lugar. O conceito de *lócus* sempre esteve presente na tratadística clássica, desviando-se um pouco para os aspectos técnicos, funcionais e estéticos (LAMAS, 2000, pp.63-64).

## O LUGAR

O conceito de lugar estabelece a conotação simbólica, resultado de combinações entre o espaço físico e as interferências humanas que atribuem significados míticos, transformando-o em objeto significante. Schulz (SCHULZ, 1981. p. 47) desenvolve um entendimento que leva o conceito de lugar a significar muito mais do que localização, pois encerra significado cultural como síntese do meio que o envolve. Rossi (ROSSI, 1977. pp.8-12) leva ao entendimento do sítio como um “*gênio*” determinante e inseparável da arquitetura que o ocupará no futuro.

A relação estabelecida entre homem e lugar produz sensações e significados específicos que se manifestam cada vez que existe a interação. São lugares carregados, que excitam o espírito – o *genius loci* é a sensação de carga que funciona como uma reverberação de experiências vividas, como algo já em nós, como um padrão de forma e significado delimitado em conjunto na memória, como um arquétipo.<sup>1</sup>

De fundamental importância para este trabalho é a referência estabelecida na definição de lugar que caracteriza os espaços públicos, quer seja por uma geometria específica quer seja, e principalmente, por processos e dinâmicas a que são submetidos e que favorecem a sua apropriação pela população; ou ainda, pelo caráter de vida coletiva e urbana, diversa, portanto, daquela desenvolvida nos espaços privados.

---

<sup>1</sup> Genius Loci diz respeito à característica específica do lugar, à sua essência, a seu espírito. (SCHULZ, 1981, p.102 e pp. 45-50).

Encaminha-se aqui pelo entendimento de que o espaço se articula a estratégias político-sociais, identifica-se a elementos da geografia, chegando a um nível de produção e transformação através das suas inter-relações, desde a organização de matrizes iniciais até a aplicação de planos que procuram estabelecer articulações entre o todo e as suas partes.

## FORMA, FUNÇÃO

Quando se procura estabelecer uma relação entre forma e função, percebe-se que ela acontece no campo do que se constitui o “*tipo*” enquanto entidade que resume uma conexão entre esses conceitos, articulada ao desenvolvimento histórico e como elemento que carrega a informação arquitetônica para, a partir dela, sofrer as variações de forma (AYMONINO, 1984, p.21; ROSSI, 1977, p.44.).

“*Tipo*” se entende como algo que delinea traços de caráter do objeto. A palavra é usada desde a antiguidade clássica por Platão e Aristóteles como elemento padrão, como classe, gênero e espécie, que se consolida a partir de repetições. Se por um lado é preliminar à intervenção, por outro, associa-se às questões morfológicas e de forma, ou seja, define o projeto, mas também é definido por ele (AYMONINO, 1984, p.64; Rossi, 1977, p.43).

Em princípio, a organização do espaço é movida pela busca do atendimento das necessidades socialmente construídas. Entretanto, da concepção à construção, inúmeros fatores interagem para a constituição do produto final – a obra concretizada. Considera-se assim que, na prática, ao ser estruturado, um objeto adquire papel de maior abrangência, condição que leva a outra questão: no mundo contemporâneo cabe ainda, na organização de espaços, o direcionamento para atividades específicas?

Entende-se também que os aspectos relativos ao campo da estética buscam explicitar e evidenciar a disposição estabelecida pela forma, usando como referência:

“[...] figura, ao poder de comunicação estética da forma, ou seja, ao modo como se organizam as diferentes partes que constituem a forma, com objetivos de comunicação” ( LAMAS, 2000, p.56). “[...] a estrutura da

concepção projetual é de natureza eminentemente figurativa” (GREGOTTI, 1975, p.30).

Considerando a paisagem como ação sobre o território, os objetivos e valores estéticos que a ela se incorporam comunicam através dos sentidos ou da percepção. Entende-se assim que os valores estéticos se estabelecem no campo sensorial e se determinam por compreensão. Portanto, a estética, na sua relação forma-função, significa dimensão cultural, tanto no sentido do atendimento a necessidades, quanto na esfera simbólica, como expressão formal e sensorial (SCHULZ, 1981, pp.45-50).

Forma / função / estética estabelecem relação direta entre si, mas a história mostra que em ciclos alternados umas se sobrepõem às outras. Gregotti (GREGOTTI, 1975, pp.149-150) considera aspectos como gênero e função e procura entender como essa última se agrega ao lugar onde está inserida, usando como referência as condições de localização, elementos vinculados a natureza e ao suporte geográfico, relações com o tecido urbano, serviços, dentre outros aspectos. A partir dessas articulações estabelece a ideia de interdependência entre as questões de forma e estética.

Como quer Rossi (ROSSI, 1977, p.45) o pré-ordenamento de funções orienta fatos, entendendo, entretanto, que as formas, ao se constituírem, vão muito além das funções. Essa posição fundamenta o discurso aqui classificado como funcionalista, do arquiteto paisagista português Caldeira Cabral: “a beleza é resultado da ordem, incluída a adequação funcional e a integração de todos os componentes da paisagem considerando aí o equilíbrio ecológico” (CABRAL apud MAGALHÃES, 2001, p.31). Por concepção ecologista, esse autor postula a colaboração com a Natureza ou, de forma oposta, incorpora o desejo do homem de dominar.<sup>2</sup>

Entendendo forma/função em relação não tão linear como postularam os funcionalistas, fica evidente que a mesma função pode existir em formas distintas, como acontece na reutilização de espaços e edifícios antigos com excelentes resultados. Tanto quanto ao uso, à significação estética e à qualidade ambiental têm-se, muitas vezes, melhor resultado nesses exemplares do que em projetos

---

<sup>2</sup> A visão funcional relacionava estética como resultante de bom funcionamento, visão esta ainda presente no discurso dos arquitetos paisagistas. (TELLES, 1997; MAGALHÃES, 2001; CABRAL, 1993)

específicos. Entende-se a manifestação artística como exteriorização poética do lugar, pelas suas características naturais e pelos mitos produzidos na elaboração da paisagem (ROSSI, 1977,p.46.).

Assim, o entendimento de lugar refere-se a algo mais amplo, qualitativo. O lugar significa muito mais do que a sua localização, pois encerra significados culturais que sintetizam e representam o meio envolvente. Como instrumento de comunicação, o lugar utiliza símbolos, incorporando coisas significativas para serem vistas e ouvidas, enfim, percebidas. O lugar envolve o homem do ponto de vista físico e sensitivo, desperta emoções que articulam o plano real ao imaginário através do intelecto. “[...] além de diversas coisas que podem ser acrescentadas à descrição do lugar, está a alma da cidade como qualidade dos fatos urbanos”.<sup>3</sup>

Como se pode perceber, o conceito de lugar está constituído por uma série de características diretamente relacionadas com o processo envolvido na sua constituição, normalmente definido ou definidor de um processo de tipificação, que, em conjunto, permite apreendê-lo e associá-lo a um tipo, a um conjunto de espaços com características similares que se tornam referência pelo estabelecimento de relações e analogias.

Tipologia engloba razões e fatos que contribuem para a formação e o estabelecimento de relações com a morfologia, de maneira a possibilitar a determinação da estrutura do espaço dentro de princípios históricos e geográficos.

Na visão de Rossi e Aymonino, os aspectos tipológicos relacionam-se com a forma da cidade, apresentam caracteres de necessidade, reagem com a técnica, com as funções, com o estilo, com o carácter coletivo e o momento individual do fato arquitetônico.

Pode-se também perceber que os significados atribuídos aos tipos de lugares mantêm relações diretas com a sua denominação, sendo por vezes definidos por questões como forma e uso, como nomes de ruas, praças e largos. Krier (KRIER, 1984, p.109) defende a verdadeira relação entre configuração e uso, destacando a

---

<sup>3</sup> Referência de Quatremère de Quincy, incorporada por ROSSI, 1977, p.17, no desenvolvimento de conceitos sobre as teorias do lugar, morfologia urbana, tipo, tipologia, dentre outras questões

capacidade de uma população para rejeitar denominações advindas de relações que, muitas vezes intencionais, não são reais. Ou seja, a população sabiamente restabelece essa relação com a indicação e com o uso de nomes não oficiais, mas integrados à sua cultura e que, por força da analogia, tornam-se reais.

## A PERCEPÇÃO

Cerasi (CERASI, 1977, pp.20-25 e 85-89), em seu trabalho *La lectura del ambiente*, desenvolve considerações a respeito dos processos de percepção do espaço, encaminhando metodologicamente recursos que podem funcionar como auxiliares na formulação de imagens. Considera esse autor que as contribuições advindas do gozo estético, além de outras relacionadas a atividades e usos, atuam como condicionantes para a transposição de sensações no processo de apreensão do espaço. Com isso, é possível elaborar a leitura intencional do ambiente arquitetônico. “As experiências sobre a percepção nos demonstram que cada imagem está condicionada por um esquema de leitura, por uma intencionalidade na percepção do ambiente” (CERASI, 1977, p.20).

O autor acima citado faz críticas à análise dos espaços quando nas leituras a eles dirigidas predominam os aspectos formais e de interpretação da cultura histórica, deixando de ser consideradas as relações de entorno, as articulações, os eixos, circulações, ângulos visuais, usos, dinâmicas, e ainda outras. Procura, portanto, entender as questões formais da estrutura espacial e de que maneira elas podem contribuir com os métodos de análise. Nesse sentido, destaca que estilos, aspectos formais ou mesmo tipológicos, só produzem uma leitura completa do conjunto quando a eles são agregadas as questões do espaço ativo e seu processo de vida. A partir dessa consideração é possível perceber, na estrutura analisada, quais são os seus elementos determinantes e característicos, assim como também quais os descartáveis (CERASI, 1977, pp.90-104).

Desconsiderando as questões subjetivas da percepção, não se pode deixar de referenciar os estudos apresentados por Lynch, que, em análise visual, partem do conceito de estrutura urbana, destacando a formulação de uma imagem clara e forte e uma codificação dos efeitos estéticos, reduzindo-os a questões formais e de

ordenamento físico. Lynch mostra influência de Sitte e principalmente de Unwin, quando trabalha a identificação do lugar pela morfologia dos caminhos e pela organização dos espaços. Entende a percepção como processo variável entre pessoas, dependente de fatores culturais e experiências acumuladas. Considera, entretanto, que as pessoas trazem de maneira inata o instinto de orientação, encaminhando assim para processos facilitadores. [...] “esta organização é fundamental para a eficiência e à própria sobrevivência da vida motora” (LYNCH, 1980, p.14).

## TIPOLOGIA E MORFOLOGIA

Devido à grande quantidade de variáveis inter-relacionadas, que respondem pela tipificação de lugares, apresentada por Aymonino e Rossi como um processo que articula a morfologia urbana à tipologia, em função do contexto social e histórico<sup>4</sup>, “[...] os muros, as paredes, as colunas [...], são elementos do edifício [...], os edifícios são elementos que compõem a cidade” (DURAND, apud ROSSI, 1977, p.27; Aymonino, 1984, p.70). Incorporando o sentido, mas apresentando algumas diferenças, Panerai, Depaule e Demorgon (PANERAI, DEPAULE E DEMORGON, 1999, p.21) encaminham a tipologia como constituinte de um caráter, como indispensável indicador projetual urbano, ao mesmo tempo como pré-existência e referência para o projeto de novas obras.

O termo *tipomorfologia*, indicado por Aymonino (AYMONINO, 1984, pp.94-95), teve seu fundamento principal no trabalho de Muratori, que considerava a cidade como um organismo em transformação. Articulação e fusão entre os conceitos dão origem à palavra que constitui o termo. A tipomorfologia baseia-se no estudo da forma, na classificação das edificações e dos espaços existentes, nos aspectos funcionais e culturais como valores que lhe são atribuídos ao longo do tempo e na dinâmica própria do lugar.

Entende-se assim a tipomorfologia como conjunto de características que constitui o todo edificado, resultado de ações sobre o espaço/tempo, apoiado em arquétipos ou

---

<sup>4</sup> Durand, em 1813, dá prosseguimento às definições de Quincy, desenvolvendo metodologia de projeto com vistas ao atendimento de novas necessidades urbanas, encaminhando pelo relacionamento entre a composição de edifícios e a cidade. (AYMONINO, 1984, p.70)



em relações de topofilia, ao tempo em que desenvolve e evolue criando descendência. Ou seja, a tipomorfologia constitui uma análise da formação e da transformação do espaço edificado, considerando a paisagem configurada pela dinâmica que lhe é própria.

O grupo alinhado à Escola Italiana/Veneziana apresenta o entendimento da cidade como um organismo em transformação, devendo cada nova intervenção embasar-se em fases históricas que deixam marcas e funcionam como registros de momentos específicos. São referências de seu trabalho as *Histórias Operantes*. Encaminham para a análise do espaço no seu conjunto, através das manifestações contidas nas edificações e em seus espaços envolventes, classificando-os como *tipologia edilizia* e alargando assim o conceito de tipo para tipologia da paisagem. “[...] o objectivo é o de olhar a cidade através do estudo do tecido urbano, para reencontrar a realidade concreta da arquitectura” (MURATORI, 1995, p.79).

Os arquitetos Philippe Panerai e Jean Castex, Bernard Huet e Christian Devillers,<sup>5</sup> acrescentam contribuições para o entendimento das relações travadas entre a forma urbana e suas partes, as edificações e os espaços abertos, considerando-os em plano de igualdade e fundamentais na estruturação da cidade. Entendem o tipo como estruturante, mas também como abstração que se define por uma característica espacial síntese.

Esse conjunto de arquitetos aborda a cidade como arquitetura, por sua forma e por suas relações espaciais e sociais, definindo uma identidade adquirida na dinâmica de sua organicidade como espaço culturalmente construído, em interação contínua das partes com o todo. Para essa compreensão, desenvolvem um trabalho com profissionais da Geografia, da Sociologia, da Antropologia e historiadores entre outros, que lidam com aspectos urbanos constituintes da paisagem (PANERAI, CASTEX, DEPAULE, 1986, p.14).

Os arquitetos Panerai, Castex e Devillers, entendem que a relação tipologia/morfologia passa por uma visão ampla da cidade, atribuindo os mesmos pesos aos valores formais e funcionais entre edificações, entorno e espaços públicos, e na identificação da potencialidade dos espaços. Os tipos referem-se assim a bens,

---

<sup>5</sup> IERAU – École d'Architecture de Paris – Beleville. (PANERAI; DEPAULE; DEMORGON, 1999, p. 28)

morfologia urbana e seus equipamentos, permitindo uma referência exata da cidade e seus percursos, ou seja, sua forma ampliada (PANERAI; DEPAULE; DEMORGON, 1999, p.122).

Com esses autores, o espaço público ganha prioridade na constituição da forma e na estruturação urbana, destacando-se os espaços de ruas e praças, ao tempo em que se faz a crítica à cidade moderna e contemporânea pela prioridade dada aos modelos matemáticos, vinculados a fluxos, em detrimento de valores que ao longo do tempo conferem significados e efetivamente qualificam. Ressaltam efeitos que trazem sentidos dicotômicos, como o previsível e a novidade, a surpresa, o discreto e o monumental, o realce (PANERAI; DEPAULE; DEMORGON, 1999, p.155). Com isso fazem-se algumas referências ao que propõe Cullen, no seu trabalho sobre paisagem urbana desenvolvido para cidades norte- americanas.<sup>6</sup>

Constitui-se, assim, uma abordagem que permite considerar a interação urbana entre escalas, sem perder a relação com o todo e sem perder a relação entre espaços interiores e exteriores, envolvendo da edificação ao lote e seu entorno, o tecido e a cidade, independentes dos seus aspectos aparentes. Uma abordagem que considera o caráter dos espaços, sua estrutura e as relações estabelecidas como expressão de tipos edificados no seu conjunto, enfim, no âmago das relações.

Aplica-se a análise tipomorfológica aos espaços considerando-os como objetos que sofreram intervenções e como componentes da paisagem, sejam eles públicos ou privados, abertos ou fechados. Busca-se em cada um e no seu conjunto a relação de traços que possibilitem classificá-los de maneira a definir o seu caráter, resultante de substratos inconscientes da cultura herdada.

No Brasil, a discussão que envolve a abordagem tipomorfológica ainda se coloca de forma incipiente, e os conceitos se mantêm em nível básico, sem avanço. As iniciativas, quando acontecem, se restringem à academia e de forma isolada, sem desdobramentos. Dos trabalhos publicados pode-se citar o “Ensaio sobre a Razão

---

<sup>6</sup> CULLEN, 1983, desenvolve estudos de percepção que encaminham para a recuperação da relação pitoresca dos centros antigos, destruídos pela introdução da dinâmica da cidade moderna. Incorpora influências de Sitte, entendendo que existe uma relação de reciprocidade entre os elementos que organizam o espaço, o que ele intitula de “arte do relacionamento”. Entende que o ambiente provoca reação emocional no homem por três vias: a ótica, o lugar e o conteúdo, e destaca que o objetivo é manipular os elementos da cidade de modo a provocarem impacto nas emoções humanas. Tira partido de elementos construtivos como: composição, textura, desníveis, abertura e fechamentos de visuais, dentre outros.

Compositiva” (MAHFUZ, 1995), que apresenta uma abordagem predominantemente articulada à tipologia das edificações, sem desenvolvimento dessas relações com o desenho urbano.

Do exposto, entende-se este instrumento como de grande contribuição metodológica, pela abrangência da abordagem considerada para a análise dos espaços urbanos, públicos e privados e pela relação que estabelecem com as edificações e seu papel na constituição da paisagem. No entanto, também fica claro o distanciamento entre as realidades que constituem as cidades italianas, francesas e brasileiras. De outra forma, verifica-se que os princípios tipomorfológicos desenvolvidos pelos arquitetos acima citados, são definidos em uma perspectiva que acompanha a evolução urbana direcionando uma inserção contemporânea, condição que mais se aproxima da realidade brasileira.

## ELEMENTOS DE ANÁLISE

Os processos de análise, que, nas suas mais variadas formas de abordagem, são aqui apropriados, incorporam as metodologias e estudos provenientes das referências apresentadas, sem deixar de lado outros clássicos, como Lynch, Cullen, Cerasi, Lamas, Kohlsdorf, dentre outros, naturalmente com os acréscimos e subtrações que se fazem necessários diante das diferenças de realidade entre as cidades europeias, americanas do norte e do sul, e o caso específico de Salvador.

Considera-se então, para análise, a classificação de elementos assim organizados: o lote e a edificação - o quarteirão, os lotes/edifícios, os monumentos, o tecido - as ruas, os caminhos e sua relação com o parcelamento, as edificações, as praças, largos, jardins, parques, áreas verdes e infraestrutura; a referência com a cidade.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Elementos esses já amplamente estudados, mas considerados como motivadores das mais variadas alterações que têm ocorrido ao longo do tempo na morfologia urbana; adotam por vez conotações específicas de acordo com a visão do arquiteto, a escola a que se vincula e o contexto por ele referido.

## O lote e a edificação

O lote, tratado como unidade básica da organização do solo, origina no seu conjunto a matriz da subdivisão parcelar e esta organização compreende: os quarteirões, os lotes, as edificações e os espaços vazios, ou, simplesmente, a edificação na sua quota ou restrita ao seu lote. O parcelamento, decorrente de uma geometria, apresenta claramente o objetivo de definir os domínios público e privado (LAMAS, 2000, pp. 86-88). É a construção variada dos espaços urbanos que evidencia as características próprias ao tempo e ao lugar, diferenciando cidades medievais, renascentistas, barrocas, dentre outras, onde composições tipológicas articulavam fachadas, coberturas, varandas, sacadas, relações entre a organização interna da edificação e a sua fachada, e os espaços de transição ou ligação entre o público e o privado (LAMAS, 2000, p.177).

A arquitetura habitacional ganha espaço nos estudos tipológicos a partir da abordagem, feita por seus teóricos, sobre o estudo das células que levam a tipos por agregação e organização.<sup>8</sup> Neste sentido, esforços buscam encontrar articulações entre o tecido urbano e “arquitetônico”, produzindo combinações como: articulação em lâmina, alinhamentos em fileiras, casas em estrela, edifícios torre, dentre outras. Outras variáveis surgem na definição de células habitacionais com a denominada casa econômica ou alojamento individual, confluindo cada vez mais para a relação entre protótipo e modelo como forma de possibilitar a então desejada repetição<sup>9</sup>.

Destaca-se ainda a importância do “monumento ou fato urbano” por singularidade arquitetônica, o qual persiste no tempo e resiste a todas as transformações, mantendo-se característico na organização da paisagem pela carga de valores e significados que agrega, emprestando ao espaço um valor estruturante. Constitui foco potencial para a reativação de relações, quer por aglutinação quer pela contradição normalmente reinante nas cidades contemporâneas, principalmente quando coloca de forma dúbia questões como público x privado, conservar x inovar (AYMONINO, 1984, pp.116-130; ARANTES, 1993, p. 99).

---

<sup>8</sup> AYMONINO, 1984, p.76, encaminha o entendimento de que a maior referência que leva a características tipológicas em finais do século XIX é a casa econômica individual organizada nas vilas ou aldeias de iniciativa industrial, ou nas cidades-jardins.

<sup>9</sup> Exemplos encontrados na produção da arquitetura alemã e holandesa, com o entendimento de casa como alojamento. Nesse sentido, destaca-se também os experimentos realizados por Le Corbusier com as “casas tipo”. (AYMONINO, 1984, p.77)

## O tecido

As ruas e caminhos constituem elementos morfológicos fundamentais de articulação entre espaços urbanos e edificações, porque expressam a estrutura urbana em vigor no momento da sua concepção. Compõem traçados hierarquizados, conforme as necessidades de conexão ou de produção de efeitos, em escala e grau de importância dos deslocamentos, e estabelecem relação direta com o desenvolvimento e com as vertentes de crescimento da cidade.

As vias de circulação, entendidas da forma alargada como quer Panerai, como armadura do sistema urbano, participam da organização do tecido e do espaço arquitetônico, articulando-se em sistemas de rede de forma contínua e hierarquizada, por relação direta com a estrutura geral urbana. Esta visão coloca o sistema de vias em posição de igualdade com as edificações (PANERAI; DEPAULE; DEMORGON, 1999, p.78). Na consideração dos percursos, a pavimentação também contribui para a identificação da paisagem e, em sintonia com os espaços, faz articulações e configurações estéticas, atribuindo usos e práticas.<sup>10</sup>

## As Praças, largos e elementos estruturantes da cidade

As praças e largos, espaços fundamentais da estrutura urbana, resultado de alargamento ou confluência de traçados, articulados a edificações e, por vezes, à vegetação, apresentam resposta a um programa. Atendem ou possibilitam usos, incorporam caráter simbólico, vinculam-se ao exercício do poder, recebem atividades e manifestações como o encontro e a permanência. Têm origem na antiguidade, com as ágoras, e têm-se constituído por processos sociais que chegaram aos Passeios Públicos e, na sequência, aos Jardins Públicos - espaços de grandes proporções, arborizados, com o objetivo de purificar o ar, ser reserva de plantas medicinais e dar espaço à socialização nos séculos XVIII e XIX.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Percebe-se a prevalência das vias na definição do espaço público que, por acomodação, fica subjugado aos imperativos do automóvel, que, no mundo contemporâneo, ganha e ocupa grande parte de áreas comuns, quarteirões e locais especificamente reservados para pedestres.

<sup>11</sup> Sem domínio religioso, com eventos normalmente abrigados em praças e largos, de acordo com a demanda específica do momento, esses espaços ainda não se identificavam com jardins arborizados e organizados para o passeio e para a meditação, demanda emergente a partir dos séculos XVII e XVIII nas cidades europeias, com

As praças do século XX, quando existentes, tornam-se secundárias na estruturação do espaço urbano, são dissociadas de seus edifícios e de forma predominante não compõem o tecido urbano. Muitas vezes apresentam o discurso da higiene, do lazer dinâmico ou da resolução de problemas do sistema viário e de transportes. Assim, a praça moderna surge normalmente como grande espaço, por vezes verde, como parque, ou como espaço transformado para servir à circulação de veículos ou estacionamento.

Embora por constituição histórica a terminologia “praça” faça relação com o espaço público, na atualidade este termo é livremente utilizado e por vezes empregado para designar espaços privados, como é o caso dos palácios e dos *shoppings*. Neste trabalho será mantida a consideração de praça como espaço público: aquela que não pode ter domínio privado (KOHLSDORF, 1992, p.123).

Entre os elementos acima citados situam-se os terreiros, os adros e os largos que, embora não contemplem a dinâmica da praça, apresentam conformação equivalente e trazem concepção específica para a atividade religiosa ou militar. Assim, o espaço se caracteriza por um tipo de poder específico. Da mesma forma, praças oriundas de cidades tradicionais apresentam diferenças morfológicas em relação a outras, desenhadas nas cidades modernas e contemporâneas. Dentre essas diferenças nomeia-se o sentido de delimitação que as primeiras trazem, muito bem definido pelas articulações e pelas edificações do contorno em contraponto às segundas, que se apresentam diluídas, em amplitude e fluidez de espaços, sem demarcação sistemática por edifícios, muitas vezes mantendo articulações físicas entre escalas, tipologias e usos diversos.

Em cada praça ou largo da cidade consolidada pode-se perceber a geração de matrizes que os vincula a realidades muito diversificadas, criando muitas vezes modelos híbridos dotados, por exemplo, de características italianas, francesas, inglesas ou mistas.

A chamada “paisagem ideal” chegou a ser projetada com alusões à mitologia antiga e à poesia, com o incremento de construções, ruínas e vigorosa presença da

---

os seus passeios ajardinados e os famosos *squares* londrinos que serviram de referência para cidades de todo mundo ocidental (SEGAWA, 1997, pp. 31-45).

natureza, como se o espaço natural precisasse assemelhar-se àquele criado pelo artista para ser considerado perfeito. O seu desenho trazia relações com os princípios sociais, políticos, filosóficos, do período da sua organização, e isso construía a sua localização, estrutura e funcionamento.

O jardim se estabelece como espaço que apresenta na sua estrutura forte ligação com elementos da natureza, na busca de propiciar o lugar da mediação entre os espaços urbanos e campestres, adequando-se à vida social requerida no período da sua produção. Traz, portanto, a ideologia da estética e do lúdico, deixando de lado os aspectos utilitários, tão requeridos na Idade Média. Permanece no geral o diálogo entre recreação e o princípio sempre postulado de forte ligação com a paisagem: “espaço onde o tempo não passa, se vive o prazer vital e o gozo estético *desinteressado*, [...] não é o espaço que se entalha na paisagem, mas é mais um espaço onde está a natureza com a natureza” (CARAPINHA, 1995, pp. 16-17).

Os parques urbanos constituem outro tipo de espaço que integra o edificado a componentes da estrutura ecológica; surgem em associação com a ideia das mudanças de linhagem relacionadas às condições de comportamento e de crença na Cosmópolis do século XVIII, onde as cidades cresciam e desenvolviam redes de sociabilidade, trazendo maior necessidade de locais de encontro. Com o apogeu da vida pública, a evolução e a revolução científica, a explosão das cidades e as questões de salubridade e higiene, entre os séculos XVIII e XIX, são reservadas consideráveis quantidades de terrenos na periferia das cidades, para as questões de lazer e recreação, sob o argumento de favorecer o idealismo então reinante, a saúde pública, dentre outras questões.

Na atualidade, o parque urbano, embora traga o princípio da manutenção e preservação de recursos naturais na área do município, se estabelece como elemento definido por legislação municipal, e por vezes chega à esfera regional. Considerando a população potencial de usuários, chega a estabelecer e dimensionar atividades desportivas variadas e de caráter comunitário, espaços de circulação e passeios, contemplação, áreas de estar, de refeições, serviços e comércio, saúde pública, em presença de elementos ecologicamente preservados.

Por fim, as áreas verdes ganham maior consideração a partir da cidade clássica, por entender a independência que apresentam em relação a estruturas de recreio e pela salubridade que transferem ao meio-ambiente. Desde o século XIX essas áreas têm motivo de mais estudos e discussões, na busca de critérios para sua inserção sistemática na cidade. Muitas têm sido as formas de sua inclusão na área urbana, desde os grandes parques centrais aos *boulevards* de Haussmann, às cidades-jardins, aos espaços verdes contínuos e interconectados da cidade moderna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto, encaminha-se pelo entendimento do espaço da cidade, a três níveis de abordagem: na busca de diálogo entre a história da cidade e a sua arquitetura; através da relação construído/uso; e a partir do levantamento de usos identificados com a arquitetura da cidade. Considera-se que, mediante a leitura de espaços públicos, conteúdos diversos surgem como resultantes da superposição de leituras referentes a seus processos históricos e culturais que construíram a cidade, fazendo dessa leitura um instrumento fundamental para sua compreensão.

Considera-se que a cultura clássica ainda atua como referência para a definição da cidade, reproduzindo formas e adotando princípios como orientação por eixos, organização por praças, quarteirões, edifícios-referência, monumentos configurados em rede. Nesse sentido, pode-se citar a referência de Brasília, onde o arquiteto Lúcio Costa encaminha a sua concepção inicial por organização em eixos, quadras, super-quadras e edifícios monumentais, sob os princípios funcionalistas.

Os espaços da cidade contemporânea organizam-se para usos múltiplos, normalmente assumindo definições complexas e até incompletas, que decorrem de uma definição antecipada de utilização, resultando em abstração genérica e, por contradição de imagem, confirmando as diferenças que subsistem entre imagem, projeto e obra.

Pelo processo de massificação reinante no mundo contemporâneo, verifica-se que as relações entre tipologia e morfologia tornam-se frágeis e passam a acontecer entre grandes construções identificadas como arranha-céus, “edifícios inteligentes”, dentre outros. Edificações essas que, pela sua própria indefinição, se constituem por



infinitas combinações e marcas de impessoalidade, condições essas que estabelecem uma cisão tipológica e passam a referência para as questões de proporção, recursos tecnológicos disponíveis e capacidade de alojamento: habitações consideradas como um determinado número de apartamentos e equipamentos, escolas como aulas tipo, escritórios como salas tipo, dentre outros referenciais.

Assim, o assunto não se esgota; outras questões e referências importantes sobre o tema ficam à margem do aqui apresentado. No entanto, o objetivo deste estudo é a elaboração de uma base referencial que possa vir a auxiliar no desenvolvimento de análises para melhor entender a questão do lugar e dos espaços na cidade contemporânea.

Por fim, entende-se que a leitura do espaço urbano pode ser traduzida pelos diversos processos de análise dentre os aqui trabalhados, dentre outros, destacando-se os estudos tipo morfológicos, cujos critérios interpretam a linguagem formal, a estrutura e a dinâmica geral dos elementos constituintes da paisagem urbana. E que mais importante do que buscar os pontos positivos de cada postura aqui destacada é considerá-la como mais uma referência para o desvendamento das relações que são travadas no espaço urbano e refletir sobre os princípios postulados, tomando-os como diretrizes auxiliares na composição da análise e da proposição de novas obras, na evolução e transformação do espaço.

## REFERÊNCIAS

- ALFAIADE, M. T. **Expressão dos Valores do Sítio na Paisagem**. 2000. Tese (Doutorado em Arquitectura da Paisagem) - Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- ARANTES, Otilia. A Ideologia do “Lugar Público” na Arquitetura Contemporânea (Um Roteiro) In: \_\_\_\_\_. *O Lugar da Arquitetura Depois dos Modernos*. São Paulo: EDUSP / Nobel, 1993.
- ARAÚJO, Solange S.. Tipomorfologia das Praças e Largos de Salvador. 2006. Tese (Doutoramento Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal da Bahia. Salvador.
- AYMONINO, Carlo. *O Significado das Cidades*. Original em 1975. Editorial Presença, LTDA. Lisboa, 1984.
- CABRAL, Francisco Caldeira. *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*. Editor Instituto de Conservação da Natureza. Lisboa, 1993.
- CARAPINHA, Aurora Conceição. A Arte da Paisagem e dos Jardins no Brasil Colonial. In: **V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte**. Instituto do patrimônio Artístico Nacional Rio de Janeiro, Universidade de Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Ed. Universidade de Algarve, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Da Essência do Jardim Português**. 1995. Tese (Doutoramento Arquitectura Paisagista) – Universidade de Évora. Portugal.
- CERASI, Maurice. Methode de Notation du Paysage In: **Architecture d’Aujourd’hui**, n.º 172. 1972.
- \_\_\_\_\_. *La lectura del ambiente*. Título del original dell’ambiente, CLUP, 1967. Impreso en la Argentina, 1977. CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1983.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1983.
- GREGOTTI, V. *Território da Arquitetura*. Título original: Território dell’Architettura, Milano, 1966. Perspectiva, 1975.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. **Manual de técnicas de apreensão do espaço urbano**. Brasília: IAU-UnB, 1990.
- KRIER, L. **Houses, Palaces and Cities**. Ed. Demetri Porphyrios, 1984.
- LAMAS, José M. R. Garcia. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Textos Universitários de Ciência Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000.
- LYNCH, Kevin. *Imagem da cidade*. Lisboa: Ed. 70, 1980.
- MAGALHÃES, Manuela R.. **Arquitetura Paisagista**. Morfologia e Complexidade. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.
- MAHFUX, E. da Cunha. **Ensaio sobre a Razão Compositiva**. Universidade Federal de Viçosa, Imprensa Universitária, Belo Horizonte: Apoio cultural, 1995.
- MURATORI, S. “Il discorso del Roxi”, 1963. In: CASTEX, J.; COHEN, J. L, DEPAULE, J. C., **Histoire urbaine, antropologie de l’espace**. Paris: CNRS Editions, 1995.
- PANERAI, P.; DEPAULE, J. C.; DEMORGON, M.; VEYRENCHÉ, M. *Elements d’Analyse Urbaine*. Archives d’ Architecture Moderne. Paris: Editions, 1979.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Analyse Urbaine*. Marseille: Editions Parenthèses, 1999.
- \_\_\_\_\_; CASTEX, J., DEPAULE, J. C. *Formas Urbanas: de la manzana al bloque*. Tradução: Santiago Castán. Gustavo Gili, S:A: Barcelona, 1986. Título Formes urbaines: de l’ilot à la barre. Paris: Bordas, 1980.
- PORTAS, N., DOMINGUES, A. E JOÃO C. Causas, Organizações, ideias e Formas In: *Utopia e os Pés na Terra*. Catálogo de Exposição - Ministério da Cultura, Instituto Português de Museus. Projecto Coopera Européia: FEDER, 2003.
- ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Editora Cosmos, 1977.
- SCHULZ, C. Norberg. **Genius Loci**. Paysage, Ambience, Architecture. Bruxelles, Liège: Pierre Mardaga éditeur, 1981.

SCHULZ, C. Norberg. A Paisagem e a Obra do Homem. In: *Arquitectura* 1968.

SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público*: 1997.

TELLES, Gonçalo Ribeiro (coordenação). *Plano Verde de Lisboa*. Edições Colibri, Lisboa, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Paisagem Global In Utopia e os Pés na Terra Catálogo de Exposição**. Ministério da Cultura, Instituto Português de Museus. Projecto Cooperacional da Cultura, União Européia – FEDER, 2003.

VENTURI, Robert. **Complejidad y contradicción en la arquitectura**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1986.